

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA

ANDERSON COUTINHO HOLANDA

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA, AMBIENTE FAMILIAR E FUTURO

TERESINA-PI

2025

ANDERSON COUTINHO HOLANDA

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA, AMBIENTE FAMILIAR E FUTURO

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Matemática, do centro de Ciências da Natureza da Universidade Estadual do Piauí como requisito para obtenção do título de Licenciado em Matemática.
Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Alves Oliveira

TERESINA-PI

2025

ANDERSON COUTINHO HOLANDA

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA, AMBIENTE FAMILIAR E FUTURO

Trabalho De Conclusão De Curso
Apresentado A Universidade Estadual Do
Piauí, Como Parte Dos Requisitos Exigidos
Para Obtenção Do Grau De Licenciatura
Plena Em Matemática, Sob Orientação:
Professor Pedro Paulo Alves Oliveira

Aprovado em ____ de _____ de 2025

Banca Examinadora

Orientador Prof.

Prof. Convidado

Prof. Convidado

RESUMO

RESUMO

Este trabalho busca expressar o quanto os conhecimentos sobre a educação financeira influenciam na base familiar e no futuro dos jovens e adultos. Através da educação financeira voltada na infância poderemos criar uma mentalidade de conhecimento e aprendizado nos educandos, fazendo com que eles possam agregar conhecimento para serem aplicados no futuro. É necessário que a educação financeira possa contemplar essa modalidade de ensino para que possamos sair da realidade que se apresenta nas estatísticas nacionais em que o número de pessoas endividadas está cada vez maior e o consumismo é propagado de forma cada vez mais fácil. A escola, em parceria com as famílias, aplicando os programas voltados a Educação Financeira irá ajudar e estabelecer metas de maneira sábia e consciente, levando a criança a entender a importância da economia para o futuro, é preciso que cada vez mais, aprendamos sobre como gerenciar, investir e poupar o dinheiro, nos tirando de hábitos antigos e nos colocando em uma realidade em que se busca constantemente uma relação saudável e uma qualidade de vida melhor com o dinheiro.

Palavras-chave: Educação infantil; Crianças; Jovens; Finanças; Economia; Educação Financeira.

ABSTRACT

This work seeks to express how much knowledge about financial education influences the family foundation and the future of young people and adults. Through financial education focused on childhood, we can create a mindset of knowledge and learning in students, enabling them to acquire knowledge to be applied in the future. It is necessary that financial education encompasses this teaching modality so that we can move away from the reality presented in national statistics, where the number of indebted people is ever increasing and consumerism is propagated more and more easily. The school, in partnership with families, by implementing programs focused on financial education, will help establish goals in a wise and conscious way, leading children to understand the importance of saving for the future. It is necessary that we increasingly learn how to manage, invest, and save money, moving away from old habits and placing us in a reality where we constantly seek a healthy relationship and a better quality of life with money.

Keywords: Early childhood education; Children; Youth; Finance; Economics; Financial Education.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS	9
2.1 AMBIENTE FAMILIAR	13
2.2 INFÂNCIA E JUVENTUDE	15
2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA ENTRE CONSUMO, CONSUMISMO E CONSUMO CONSCIENTE	17
2.4 MATEMÁTICA FINANCEIRA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA	21
2.5 INTRODUÇÃO A MATEMÁTICA FINANCEIRA	22
2.5.1 PORCENTAGEM	22
Fórmula básica	23
Passo a passo.....	23
Exemplos práticos no dia a dia	23
2.5.2 JUROS SIMPLES	24
2.5.3 JUROS COMPOSTOS	24
3 METODO	25
3.1 Caracterização do estudo.....	25
3.2 Método de Análise.....	26
4 DISCUSSÃO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Finanças é algo que vivemos constantemente em nossas vidas, o dinheiro está presente nas mais diversas situações. É necessário dinheiro para que uma pessoa consiga se alimentar, se vestir, caminhar, morar, conseguir viver de uma forma digna e presente neste mundo em que vivemos. Cada indivíduo tem suas particularidades e desejos, e o dinheiro é o facilitador entre aquilo que se almeja e aquilo que se conquista.

O número de pessoas endividadas no Brasil cresce constantemente, temos cada vez mais jovens saindo do ensino médio e entrando no mercado de trabalho e em universidades, e em alguns meses depois, se vê rodeado de ofertas de bancos, lojas, cartões de crédito, tudo muito novo e de fácil acesso. Em um primeiro momento essa facilidade conquistada por esses jovens, junto à maioria, é de uma grande alegria, pois terá fácil acesso a tudo aquilo que tanto queria: os melhores tênis e sapatos, as melhores roupas, sair e se divertir com amigos, realizar viagens e tudo o que antes era delimitado por seus pais ou responsáveis.

A falta ou pouco conhecimento de como administrar este dinheiro, entre as vontades e os boletos, cartões e todas as consequências que vem ao longo dos meses, através de parcelamentos e a realização momentânea do seu poder de compra, leva a jovens e adultos endividados, uma realidade que vemos constantemente nas mídias, fazendo com que entrem no ciclo sem fim de trabalhar, comprar e pagar. Muitos pagam o cartão de crédito e ficam sem nenhuma reserva e acabam gastando novamente, entrando no ciclo do endividamento.

Em um ambiente em que as finanças da família são sempre um enigma, em que os cônjuges e os pertencentes aquele grupo familiar, não conversam sobre a saúde financeira da sua casa, não é possível viver com a tranquilidade sobre o que podemos aguardar do futuro, realizações de projetos, viagens, passeios, dívidas e outros assuntos. Sempre se ouviu que dinheiro não é coisa para criança, as

preocupações das contas, são responsabilidade dos adultos, e quando essa criança cresce, não teve nenhuma experiência de como se organizar financeiramente para a vida adulta, se não buscou conhecimento sobre este assunto enquanto estava crescendo, poderá sofrer com as surpresas dos valores abusivos dos juros de empréstimo, cartão de crédito e cheque especial.

Atualmente, temos visto constantemente pessoas se interessando pelo mundo das finanças, porém, as informações são com nomenclaturas como: Taxa Selic, tesouro direto, CDB, CDI, entre tantos outros tipos de investimento e porcentagem de cálculos que se torna difícil o acesso a informação, pois depende de entendimento para se fazer uma reserva financeira adequada, o que não descaracteriza a importância deste conhecimento, mas o que desinteressa muita das vezes pela falta de sabedoria e um estudo prévio.

É notória a quantidade de livros infantis com a temática de finanças para crianças, ensinando sobre este assunto que foi tão negligenciado nas escolas e dentro do ambiente familiar. Algumas escolas, tem apresentado projetos pedagógicos com essas ideias, para familiarizar as crianças sobre o futuro que devem construir.

Temos vários pais e responsáveis buscando o conhecimento sobre educação financeira, a facilidade com que a internet está presente no nosso dia a dia, tem ajudado muito com esse conteúdo antes tão negligenciado. Podemos avaliar as poupanças que alguns pais, estão fazendo para os seus filhos, seja para ajudar no momento da vida escolar, algum imprevisto que ocorra no meio do caminho, ou até para quando atingirem sua maioridade, o que é necessário estar atentos é como estes jovens vão aplicar este montante que foram guardados durante todo um período, já que muitos não possuem qualquer tipo de experiência para trabalhar com o dinheiro.

Em um mundo totalmente globalizado, em que status social e a aparência estão sendo levado cada vez mais as pessoas ao consumismo, é necessário construir uma sociedade em que se preserve a importância de uma qualidade de vida, em os cidadãos possam ser mais reflexivos e consciente de suas ações para o seu futuro.

O início da vida escolar é o ponto de partida para educação financeira, e isso irá ajudar a transformar a mente e dar início ao processo de aprendizagem que será necessário para sua construção como adolescente e adultos, quanto mais cedo tiverem acesso a informações que o possam preparar para um futuro, poderemos ver uma diferença nas relações familiares, na construção e planejamento familiar, social e pessoal de cada indivíduo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS

A Educação Financeira é um processo de aprendizagem relacionado às finanças pessoais, na qual a sociedade entende como o dinheiro funciona e adquire conhecimento das ferramentas para lidar com ele. Indo muito além do ato de economizar, ela engloba também o saber quanto ganha e gasta, organizando essas finanças, planejando as contas e pensando no futuro. Tal conhecimento é necessário para se estabelecer uma base onde os indivíduos construam bons hábitos financeiros.

Segundo o site oficial do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2018), a Educação Financeira é um dos temas para integrar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse tema nos traz conhecimentos essenciais a respeito do planejamento para o desenvolvimento da cidadania, além de ser voltada para ajudar a população a tomar decisões conscientes sobre consumo e uso do dinheiro (BRASIL, 2018).

No contexto escolar, a Educação Financeira é um assunto novo, visto que não é um componente curricular obrigatório na Educação Básica. Conforme o site do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2018), existe a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), a qual foi criada por meio do Decreto Federal Nº 7.397/2010, para fortalecer a cidadania, oferecendo ajuda à população brasileira a respeito do sistema financeiro e previdência.

Além disso, o MEC (BRASIL, 2018) afirma que Educação Financeira conta com o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP), que tem como função avaliar e validar todo o material didático que será utilizado no programa Educação Financeira nas Escolas – Ensino Fundamental e Ensino Médio. Esses programas fazem parte da Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), junto ao Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef).

Quando se trata dos recursos pedagógicos voltados para o ensino, pode-se dizer que:

Educação Financeira é um processo educativo que por aplicação de métodos próprios, pelos quais as pessoas de diversas idades, níveis sociais,

raça ou cor, permite que as pessoas desenvolvam atividades que auxiliem na manipulação do seu dinheiro ou títulos que as representam; são informações e formações importantes para que as pessoas exerçam uma atividade, um trabalho, uma profissão e lazer, tendo acesso ao bem-estar, que faz com que os seres humanos tenham vontade para vencer as dificuldades do dia a dia. (NEGRI, 2010, p.19).

Diante desse pensamento de Negri, podemos concluir que, dentro do contexto escolar, a Educação Financeira tem como objetivos: planejar, prevenir, poupar, investir e consumir de maneira mais consciente, por meio do conhecimento das atividades financeiras. Com base nisso, a Educação Financeira deve ser abordada nas escolas como disciplina específica, contando com o apoio da família, de forma com que os pais conscientizem seus filhos a pouparem seu dinheiro, sem gastar todas as suas economias, para utilizar mais a frente, e de praticarem um consumo consciente. Dessa forma, os alunos compreenderão que tal exercício não visa apenas o enriquecimento, mas, sim, a conscientização sobre o uso correto do dinheiro, para que eles saibam lidar com suas finanças fazendo bom uso dele, e que, por meio disso, possam ter uma condição de vida favorável. Stephani (2005, p. 12) afirma que:

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia.

Em relação a isso, a Educação Financeira não será apenas um aprendizado na fase escolar, já que os alunos utilizarão esses conhecimentos aplicados na prática em seu cotidiano, durante toda a sua vivência. Para Cordeiro, Costa e Silva (2018, p. 70), “a Educação Financeira (EF), dentro do contexto escolar, tem como alguns de seus objetivos explicar e simplificar o entendimento das atividades financeiras. ”

A existência da Educação Financeira é fundamental nas escolas, de modo que os discentes tenham conhecimento, ação e pensamentos críticos quanto ao uso consciente do dinheiro, além de possuírem competências e habilidades para lidar com decisões financeiras que precisarão enfrentar ao longo da vida. A maneira mais adequada de tomar decisões responsáveis e sustentáveis é através do consumo consciente, evitando compras compulsivas ou de produtos desnecessários, o que os prevenirá da inadimplência, além de ajudar o cenário socioeconômico do país.

A educação financeira escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre

questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p. 12).

Uma das formas de realizar esse conjunto de informações acerca da Educação Financeira sugerido por Silva e Powell é trabalhando na prática dentro e fora da sala de aula, por exemplo, simulando um mercadinho. Com isso, deparamo-nos com várias situações reais, comuns do dia a dia, onde precisamos calcular para fazer as compras, conferir troco e realizar a soma de produtos. Trabalhando a autonomia, partindo de desafios e brincadeiras, esses estudantes irão construir seus conhecimentos.

Kiyosaki e Lechter (2000, p. 19) mostram-nos, no livro *Pai Rico, Pai Pobre*, o quanto o dinheiro é utilizado como forma de poder, contudo, a instrução financeira é ainda mais poderosa. O dinheiro vai e vem, mas se tivermos sido educados em relação ao seu funcionamento, adquirimos poder sobre ele, construindo uma riqueza. O motivo pelo qual esse pensamento não é exercido é porque a maioria das pessoas foi à escola e nunca aprendeu como funciona o dinheiro, passando, assim, suas vidas trabalhando em função dele. Segundo Kiyosaki e Lechter temos que:

Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progridem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo o que fazer com ele depois de tê-lo ganhado. É o que se chama aptidão financeira o que você faz com o dinheiro depois que o ganhou, como evitar que as pessoas lhe tirem o dinheiro, quanto tempo você o conserva e o quanto esse dinheiro trabalha para você. A maioria das pessoas não descobre o motivo de suas dificuldades financeiras porque não entende os fluxos de caixa. Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro. Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas. (KIYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 56).

“A maioria das pessoas não percebe que na vida o que importa não é quanto dinheiro você ganha, mas quanto dinheiro você conserva” (KIYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 44). Pessoas que ganham muito dinheiro, muitas vezes, têm o hábito de gastar compulsivamente sem ter um planejamento e sem pensar no futuro. A falta de conhecimento sobre a finanças faz com que a sociedade seja leiga em saber direcionar de forma correta seu dinheiro, por não conhecer, de fato, sobre economia e o quanto se está gastando com coisas úteis ou não.

O trabalho com a Educação Financeira na escola é o de contribuir para que os alunos compreendam o assunto, sabendo lidar com suas economias e investimentos de forma consciente, através do consumo responsável. Além disso, a Educação

Financeira pode ser trabalhada não só através da Matemática, mas por meio de várias outras disciplinas, considerando uma variedade de conhecimentos e habilidades.

Introduzir essa temática nas escolas além de beneficiar os alunos, ajuda aos professores e pais também, fazendo que haja uma sociedade mais consciente e responsável financeiramente. Educação Financeira já era para fazer parte da grade curricular das escolas brasileiras, como disciplina obrigatória, começando da Educação Infantil até o Ensino Médio. Dessa forma, os alunos aprendem, desde cedo, a entender e lidar com o uso do dinheiro de forma que não somente aprendam a economizar e investir, mas também a preservar os recursos naturais por meio do consumo consciente.

Portanto, é essencial, na disciplina de Educação Financeira, trabalhar com exemplos do dia a dia, para que os alunos possam se familiarizar com o assunto, identificando e interagindo com o professor. A partir desse direcionamento voltado ao mundo no qual vivemos, podemos associar conceitos da Educação Financeira adequados para cada faixa etária. Isso se dá por meio de trabalhos e projetos, para que esses alunos conheçam não apenas na teoria, mas na prática do cotidiano. Um exemplo disso seria fazer visitas aos estabelecimentos comerciais, para que eles os observem e vejam como funcionam.

Theodoro (2008, p. 06) mostra uma simulação na qual nos deparamos com um exemplo de várias situações reais, comuns do dia a dia, onde precisamos calcular para fazer as compras:

Quando você vê em uma propaganda: "compre uma televisão à vista por R\$1000,00 ou a prazo por cinco parcelas de R\$ 260,00" você, claro, responde: "a prazo, pois prefiro pagar parcelado e em apenas cinco meses termino de pagar". Mas você esqueceu de pensar em um detalhe, pois cinco parcelas de R\$260,00 você pagará o equivalente a R\$1300,00 que é 30% mais que a oferta à vista.

Com isso, podemos notar como a Educação Financeira é útil para a sociedade ter uma noção de compreender aquilo em que está investindo, usando de maneira adequada o seu dinheiro para consumo próprio. Precisamos conhecer melhor esse assunto e conscientizar toda a comunidade escolar a respeito da utilização do dinheiro de forma sustentável.

Vale lembrar que Educação Financeira é diferente de Matemática Financeira. A Educação Financeira está relacionada a auxiliar os consumidores a ter um controle financeiro de gastos, poupando e investindo. Já a Matemática Financeira aplica

conceitos matemáticos com base em análises financeiras ligadas ao dinheiro. Podemos tomar como base para o uso da Matemática Financeira a seguinte ilustração, sugerida por Theodoro (2008, p.07):

Imagine que ele queira comprar uma bicicleta de R\$ 250,00, um videogame de R\$ 1000,00 e um celular de R\$ 250,00 e sua mesada é de R\$ 100,00, mas ele gasta R\$ 30,00 com outras despesas (lanche na escola, por exemplo), sobrando R\$ 70,00. Se ele escolher comprar o celular primeiro: como só pode pagar R\$ 70,00 por mês e como o juro do mercado é 3,5% ao mês, pagará cerca de R\$ 300,00 pelo celular em cinco vezes. Idem para a bicicleta totalizando dez meses e quase R\$ 600,00 (se o preço permanecer estável). Agora dez meses depois vamos partir para o videogame que com os mesmos 3,5% do mercado se encaixará no seu orçamento em vinte e nove parcelas de R\$ 69,48. Resultado: ele pagará, aproximadamente, quarenta parcelas (três anos e quatro meses) sem poder gastar mais nada - o celular já estará sem crédito, a bicicleta estará parada porque gastou o pneu, e, ainda, o videogame tornou-se desinteressante.

Podemos perceber a importância de se ter uma noção a respeito da matemática financeira, já que muitas pessoas não têm conhecimento a respeito de juros e parcelamentos. Quando compramos determinado produto em uma loja no dinheiro ou débito, custa o valor da mercadoria, já quando utilizamos o crédito e suas parcelas, ocorre um aumento do valor desse produto em cima dos juros, ou seja, a pessoa acaba pagando uma quantia a mais do que pagaria se fosse pagar à vista. Ainda há muito o que ser feito para a Educação Financeira ser incluída de fato nas escolas brasileiras, contudo, os primeiros passos já foram dados, e é por esse caminho que devemos buscar formas de conscientizar a sociedade da necessidade desse tema.

2.1 AMBIENTE FAMILIAR

O ambiente familiar é o primeiro acesso que uma criança tem a questões financeiras, um ambiente em que ela pode identificar tudo o que possui dentro da sua casa, em um primeiro momento, a criança não tem informação sobre o que é ou não dinheiro, mas consegue distinguir sua vontade com a sua conquista.

Uma criança com acesso a telas é facilmente inserida no meio de propagandas comerciais, recheadas de brinquedos, parques, informações que a levam aquele momento que todos os pais estão acostumados a ouvir: “Compra para mim?” As saídas das famílias, são para shoppings, lojas, centro comercial, supermercados e mais uma vez, se prestarmos atenção, veremos crianças pedindo desde uma pipoca, sorvete a roupas e brinquedos. Com esse tipo de influência, e sem as orientações

corretas, estaremos criando futuros jovens e adultos sem nenhum tipo de educação financeira, podendo ocasionar assim, grandes problemas em sua vida no futuro.

A pandemia mundial em 2020, foi um grande marco na vida de muitas famílias, foi possível identificar, o quanto as famílias e as empresas, estão despreparadas para futuros agravos financeiros, foi visível os noticiários informando o desespero de alguns empresários sem saber como iriam continuar com os seus negócios, diante de uma situação que não era possível ver o fim ou como iriam pagar os funcionários sendo que não era possível trabalhar e gerar dinheiro. E isso, se tornou um problema para os empresários, em seguida para os empregados, que dependiam de seus salários para manter as suas famílias.

Com alguns estudos, foi instituído a MP936/2020, isso foi um suspiro para os donos de negócios e funcionários, as empresas poderiam optar em suspender ou realizar a redução dos contratos de trabalhos, porém, este auxílio o Governo pagaria até o teto máximo do programa Seguro Desemprego, que em 2020 era no valor de R\$1.813,93, para funcionários que recebiam acima de R\$ 2.666,29. O que também, acabou causando grandes problemas familiares, já que toda a família viu seu custo de vida sendo reduzido, portanto o padrão de vida que se era comum, teve que ser reorganizado, neste momento, podemos identificar o quanto a falta de uma reserva de emergência ou educação financeira fez falta na educação dos brasileiros.

Conforme Rocha (2008), “quando o indivíduo tem as finanças em ordem, ele toma decisões e enfrenta melhor as adversidades”. E isso ajuda não só na vida financeira, mas também nos aspectos familiares. É necessário que toda a família, esteja unida nas finanças da família, quanto mais cedo, uma criança entender a importância do dinheiro, mas conhecimento será formado dentro de si, para questões futuras, pois um adulto em que se vê rodeado de dívidas, situações em que precisa recorrer a empréstimos, cheque especial, e pedir ajuda a outra pessoa, em um primeiro momento, pode ser algo pontual, mas com o passar do tempo se essas situações se tornarem recorrentes. “É desesperadora aquela sensação de que estamos trabalhando dia após dia apenas para sobreviver, sem a menor perspectiva de conquistarmos sonhos que sempre tivemos”. (Rocha, 2008).

No Brasil ainda há muito que se descobrir; a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas de um modo geral (D'Aquino, 2007). Na nossa atual realidade, temos pais e mães que trabalham para conseguir administrar as finanças da casa e dar o melhor padrão de vida para seus

filhos, mas, é necessário levar atenção a questões em que: “No intuito de cobrir esse buraco deixado devido a sua ausência e diminuir essa culpa, os pais tendem a comprar tudo que os filhos querem. Na cabeça das crianças, o trabalho que afasta seus pais de seu convívio é o preço a pagar para ter muito dinheiro e poder comprar muitas coisas” (Cerbasi, 2006). Com isso, podemos basear este artigo que o ambiente familiar junto a escola, tem o poder de mudar a mentalidade das crianças e ajudar na construção de uma sociedade mais atenta a economia, menos consumista e que dentro dos lares dos brasileiros, possa se tornar um local seguro para trocas de informações e aprendizados, da criança ao adolescente e um futuro adulto educado financeiramente.

2.2 INFÂNCIA E JUVENTUDE.

Quantos pais ao descobrir que estão esperando uma criança, não se vem rodeado de ofertas que são impostas pela sociedade? Perguntas como: Vai fazer chá Revelação? Chá de bebê? Já montou o quarto? Já montou o enxoval? E entramos no primeiro momento em que o universo de um bebê que ainda não nasceu, já está comprometendo as finanças de uma família.

Até o seu nascimento, é um mundo totalmente em que é aguardado, cheio de sonhos, guarda-roupa pronto, fraldas, pomadas, remédios e em cada momento deste, os pais vão se preparando, se organizando se endividando, sempre para fornecer o melhor para o seu filho que vem ao mundo. Enquanto a criança cresce, as finanças da família, também cresce junto, as roupas, as fraldas, os lenços e tudo aquilo que envolve o seu desenvolvimento vai se esvaindo cada vez mais, algumas crianças são desejadas e planejadas e outras famílias são pegas de surpresa sobre a gravidez, em cada uma delas, o financeiro familiar é algo muito importante.

As finanças se possível deve ser adequada neste momento em que a criança ainda não nasceu, pais que montam uma reserva financeira para possíveis imprevistos que podem ocorrer com seus filhos, podem sofrer menos com dificuldades financeiras. Cada familiar tem a sua história de vida, e muitos se baseiam em suas experiências para dar aos seus filhos, tudo aquilo que não tiveram. Acredita-se que dar um bom estudo, e fazer com que a criança tenha uma boa profissão, será suficiente para garantir uma estabilidade financeira, mas se não souber administrar o pouco, o muito será facilmente visto com vislumbre e poderá causar o desequilíbrio.

Ao fazer o direcionamento correto para as crianças, podemos começar a construir bases para um futuro mais organizado financeiramente “as bases do modelo financeiro são construídas, por volta, da idade de 5 anos. O modo como manejamos nossa vida financeira foi, em larga escala, construído a partir do que ouvimos; deixamos de ouvir do que vimos ou deixamos de ver nossos pais fazerem ou dizerem a respeito do dinheiro” (D’Aquino, 2008).

Finanças não é sobre fazer contas e economizar, mas, é fazer com que cada recurso que adquirimos, seja levado para o nosso crescimento pessoal, profissional e bem-estar. O mais importante ao se falar de dinheiro com crianças é de uma forma simples e tranquila, aproveitar situações do dia a dia, para que ela consiga entender sobre o valor do dinheiro, fazer com que ela consiga observar que o trabalho de seus pais, é o que faz com que eles consigam possuir dentro de casa, como: moradia, energia, água, alimentação..., mostrar a crianças que os insumos principais que elas possuem e que são pagos para durar o mês inteiro, devem ser os primeiros a ser levados em consideração para se efetuar o pagamento, mostrar que uma saída ao shopping ou ao parque de diversão, se, retirado esse valor para momentos de lazer sem que as principais contas não estejam pagas, irá trazer grandes problemas durante o restante do mês, é necessário que a criança consiga compreender sobre o que é responsabilidade e o que é lazer.

Mas também, é necessário destinar momentos e valores, para esses momentos em família. Quando uma criança é inserida no contexto das finanças da família, é provável que quando se tornar um adolescente, já tenha experiência com o seu dinheiro, um hábito que se constrói desde a infância, será colocado em prática quando ele começar a ganhar o seu próprio dinheiro. Programas como “Jovem aprendiz”, que proporcionam a entrada de jovens a partir dos 14 anos, no mundo de trabalho, pode ser o início de um processo que se tiver o conhecimento sobre como administrar seu salário poderá começar a construir seu patrimônio e gerenciar suas finanças desde cedo.

Quanto antes ela teve conhecimento sobre o assunto, mais fácil será conseguir administrar aquilo que está ganhando com o seu próprio esforço. O que devemos construir nas crianças e jovens é a diferença entre querer e precisar, fazer com que a criança e o jovem, consiga assimilar o que é realmente necessário e o que é luxo, fazer com que ela consiga construir pensamentos em que ao realizar uma compra poderá comprometer o orçamento familiar ou seu próprio. É necessário demonstrar

que as finanças organizadas, não os levaram a viver uma vida cheia de impulsos e endividamento, mas que com a construção correta, poderão organizar suas vidas e vive-las de forma livre e com responsabilidade.

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA ENTRE CONSUMO, CONSUMISMO E CONSUMO CONSCIENTE

No cenário mundial das últimas décadas, o consumo está crescendo cada vez mais. A sociedade, antigamente, usava dinheiro físico para comprar a maioria das mercadorias; nos dias de hoje, isso pouco acontece. A maneira e a facilidade com que compramos mudou e as lojas online se tornaram a principal escolha para muitos, com a utilização do cartão de crédito e suas parcelas. Conforme o Banco Central do Brasil (2013, p. 12):

Se pararmos para pensar, estamos sujeitos a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores. No entanto, o nível de educação financeira da população não acompanhou esse aumento de complexidade. A sua ausência, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos que lhes trariam satisfação.

O consumismo é uma realidade bastante presente na nossa sociedade, em que as pessoas costumam fazer compras em excesso, principalmente usando o cartão de crédito. Essa modalidade de compra faz com que o comprador tenha mais facilidade na hora de comprar um produto, podendo fazer tantas prestações quantas forem permitidas. Em certos casos, utilizar o crédito não é uma boa opção, pois ocorrem os juros em cima do valor total da compra, e, no fim, o valor que a pessoa paga no decorrer de todas as parcelas torna-se mais caro do que o valor que ela pagaria comprando à vista. Em relação ao consumismo, podemos afirmar que:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p.41 apud SANTOS, 2017).

Deste modo, o consumismo diz respeito ao consumo sem planejamento e em excesso, motivado pelo desejo dos indivíduos. Entretanto, é importante esclarecer que

existe uma diferença entre “consumo” e “consumismo”. O “consumo” é uma ação comum de todos relacionado ao essencial, já o “consumismo” é praticado de forma desenfreada, excessiva e sem necessidade de bens, mercadorias e serviços. Dado o exposto, o objeto de estudo da educação financeira é fundamental para a conscientização sobre o consumo consciente, Prado (2013, p. 23) afirma que:

Educar para o dinheiro não é condenar o consumo e doutrinar para a poupança. É estimular a organização pessoal para que desejos de consumo não extrapolem limites. É exercitar a disciplina para ter qualidade de consumo por toda a vida, não apenas como recompensa de sacrifícios presentes. As ferramentas de controle devem ser simples, para que possam ser usadas todos os dias, sem consumir nosso tempo. As boas práticas de educação financeira devem induzir as escolhas equilibradas. Isso se faz combinando referências matemáticas com práticas ambientais, sociais, filosóficas e éticas.

Por isso, é essencial ter uma organização das finanças pessoais para que haja um controle financeiro, sem excesso, gastando somente o necessário por meio do consumo consciente para que se possa ter uma qualidade de vida melhor, além de ajudar o meio ambiente.

O Banco Central do Brasil (2013) relata, ainda, que o desconhecimento sobre a educação financeira está relacionado à falta de conhecimento por parte da sociedade, já que para a maioria não faz parte do seu dia a dia. Devido a isso, as pessoas não têm interesse de buscar saber a sua importância para auxiliar suas finanças. Mesmo assim, a pesquisa não culpa somente as pessoas pela falta de interesse, destaca também que vivemos em uma sociedade que possui desigualdade social, o que colabora para o desconhecimento da educação financeira e das suas práxis no dia a dia. Ressalta que:

Infelizmente, não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas buscar informações que as auxiliem na gestão de suas finanças. Para agravar essa situação, não há uma cultura coletiva, ou seja, uma preocupação da sociedade organizada em torno do tema. Nas escolas, pouco ou nada é falado sobre o assunto. As empresas, não compreendendo a importância de ter seus funcionários alfabetizados financeiramente, também não investem nessa área. Similar problema é encontrado nas famílias, onde não há o hábito de reunir os membros para discutir e elaborar um orçamento familiar. Igualmente entre os amigos, assuntos ligados à gestão financeira pessoal muitas vezes são considerados invasão de privacidade e pouco se conversa em torno do tema. Enfim, embora todos lidem diariamente com dinheiro, poucos se dedicam a gerir melhor seus recursos. (Banco Central do Brasil, 2013, p. 12).

Dessa forma, precisamos buscar habilidades que sejam fundamentais a um consumo responsável, compondo um ensino adequado, nas escolas e em casa, para formação de cidadãos conscientes e consumidores responsáveis.

A Educação Financeira na vida das pessoas vai além dos gastos e controle financeiro, ela traz vários benefícios, como: visão de futuro por meio da estabilidade financeira, qualidade de vida, consumo consciente, entre outras. Logo, é primordial realizar, por meio da educação financeira, um consumo mais sustentável, que seja apenas para as nossas necessidades básicas, para que isso ajude na questão financeira e na preservação dos recursos do nosso planeta. Baseando-se nisso:

Um consumo responsável, e isso significa usar os recursos naturais só até o limite das nossas necessidades básicas, sem prejudicar o direito das outras pessoas de usá-los também e sem colocar em risco as pessoas que virão depois de nós. Ou seja, não desperdiçar, não poluir e ajudar a manter esses recursos na quantidade e na qualidade apropriadas para o consumo de agora e do futuro. (Brasil, 2011, p. 52).

Com base nisso, as pessoas precisam ter em mente que a forma como elas pratica o seu consumo deve ser de maneira consciente, pensando não apenas no seu bem-estar, mas no bem-estar coletivo. A sociedade precisa ter controle de sua vida financeira, consumindo de forma consciente, para que haja uma maior organização dessas finanças pessoais, disciplinando a qualidade de vida e as escolhas de investimento a longo prazo.

A sustentabilidade está sempre atrelada ao consumo consciente. O ato de consumir de maneira responsável permite ao consumidor contribuir para a preservação do meio ambiente. E uma das formas de seguirmos esse caminho para um consumo responsável é utilizarmos o dinheiro e cartões de créditos repensando e refletindo nossas ações e atitudes, para, dessa forma, abrimo-nos às possibilidades de mudanças de comportamentos a partir das nossas próprias escolhas e tomadas de decisões conscientes. Em vista disso, levamos em conta que:

[...] o consumidor consciente de seus gastos (e de suas receitas) pode se controlar melhor. Mesmo que ele passe por dificuldades, pode sair delas mais rapidamente do que outro que não planeja seu consumo, evitando, assim, que um pequeno problema se transforme em uma grande bola de neve. (Banco Central do Brasil, 2013, p. 36).

Quando o consumidor tem esse consentimento e consegue identificar o quanto ganha e gasta, de acordo com o seu contexto, ele pode se organizar financeiramente, gastando só o necessário e pensando no futuro. Busca-se, assim, um consumo consciente, tendo em vista que:

A ideia básica do consumo consciente é transformar o ato de consumo em uma prática permanente de cidadania, que leve em conta não só o atendimento de necessidades individuais, mas também os reflexos desse

consumo na sociedade, na economia e no meio ambiente. (Brasil, 2011, p. 52).

Precisamos ter em mente que as nossas decisões de consumo afetam os recursos naturais do nosso planeta, uma vez que este é fundamental para nossa sobrevivência. Se não cuidarmos, pode haver consequências que afetarão a nossa sobrevivência e a das gerações futuras. Em relação a isso, temos que:

O consumo consciente propicia, além das vantagens ambientais, benefícios sociais e econômicos para a sociedade como um todo, e individuais para aquele que consome conscientemente. Desse modo, consumo consciente amplia o conceito de educação financeira, ao incorporar às nossas escolhas de consumo considerações sociais e ambientais, tais como modo de produção, quantidade e qualidade das matérias-primas, tipo e qualidade de mão de obra, produção de resíduos e outros aspectos relevantes para o meio ambiente e para a sociedade. (Banco Central Do Brasil, 2013, p. 39).

A falta de controle das pessoas, de excesso de gastos sem necessidade, é prejudicial ao meio ambiente por conta de resíduos descartados de forma incorreta, gerando grandes impactos ambientais. Com isso, realizar compras mais conscientes, investindo no que é apropriado e fazendo um bom aproveitamento do uso do dinheiro ou crédito, faz com que as pessoas tenham uma qualidade de vida melhor.

Nas competências gerais da educação básica de número 7, a BNCC nos traz que:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (Brasil, 2017, p. 9).

A educação voltada para o consumo consciente necessita que a sociedade como um todo esteja envolvida, incluindo valores como ética e preocupação com os recursos naturais, a partir de um posicionamento íntegro em relação a si mesmo, aos outros indivíduos e ao planeta. O consumo precisa ser analisado “como um complexo processo, e, portanto, a educação para o consumo, numa perspectiva que evidencie as suas múltiplas dimensões, condição para a constituição de subjetividades que, por meio de suas decisões de consumo, possam se situar e intervir eticamente em um mundo em que prevalecem os interesses do mercado” (Saleh; Saleh, 2013, p. 207).

Além do consumo responsável, saber economizar e realizar um planejamento financeiro é fundamental. Com isso podemos traçar metas e objetivos que desejamos colocar em prática, para alcançar a curto, médio e longo prazo. Uma maneira de ter

um bom planejamento é organizar as despesas fixas como: educação, saúde, moradia, transporte, entre outras; além dos gastos variáveis, que são os gastos não previstos. Consequentemente, o indivíduo conseguirá organizar a vida financeira de uma maneira que tenha reserva para qualquer imprevisto que venha a acontecer.

Em suma, o consumidor consciente é aquele que leva em conta os produtos que consome, o meio ambiente, a saúde da humanidade, a economia, entre outros. Ele busca, por meio disso, a sua satisfação pessoal e a sustentabilidade.

2.4 MATEMÁTICA FINANCEIRA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A Matemática Financeira desempenha um papel fundamental na compreensão das relações entre dinheiro, tempo e juros, contribuindo para que os indivíduos tomem decisões conscientes em situações econômicas cotidianas. Segundo Gitman (2010, p. 45), “a Matemática Financeira fornece ferramentas essenciais para analisar o valor do dinheiro no tempo e avaliar alternativas de investimento”, o que demonstra sua importância para o desenvolvimento da autonomia financeira.

A Educação Financeira, por sua vez, busca formar sujeitos capazes de administrar recursos de forma equilibrada e responsável. De acordo com a OCDE (2016, p. 12), “educação financeira é o processo pelo qual consumidores melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, desenvolvendo habilidades e confiança para tomar decisões bem informadas”. Esse entendimento reforça a necessidade de abordar tais conteúdos desde os anos iniciais da escolarização.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) destaca a relevância da Educação Financeira no ensino de Matemática. O documento afirma que “a escola deve promover práticas que desenvolvam o consumo responsável e o planejamento financeiro, utilizando conceitos matemáticos como porcentagem, juros e proporcionalidade” (BNCC, 2018, p. 298). Assim, a Educação Matemática assume um papel social, além do técnico.

Nesse sentido, D'Ambrosio (2008, p. 34) afirma que “o ensino de Matemática deve contribuir para que o indivíduo compreenda criticamente a realidade e possa atuar de forma mais consciente nas práticas sociais que envolvem o uso do dinheiro”. A perspectiva do autor reforça que a Educação Financeira ultrapassa cálculos, alcançando reflexões sobre cidadania e responsabilidade socioeconômica.

Corroborando essa ideia, Silva e Powell (2011, p. 56) destacam que “não basta ensinar conteúdos financeiros; é necessário discutir hábitos de consumo, estratégias de economia e impactos sociais das escolhas financeiras”. Portanto, a educação para o uso consciente do dinheiro deve considerar a dimensão crítica e ética do ato de consumir.

Dessa forma, a integração entre Matemática Financeira e Educação Financeira revela-se essencial para formar cidadãos capazes de lidar com situações reais, como compras, empréstimos, investimentos e organização do orçamento pessoal. As citações diretas dos autores evidenciam que tais conhecimentos devem ser ensinados de maneira contextualizada, promovendo autonomia, reflexão e responsabilidade. Desse modo vamos entender um pouco de alguns conteúdos da matemática financeira que juntamente com a educação financeira vai auxiliar nas decisões tomadas pelas famílias.

2.5 INTRODUÇÃO A MATEMÁTICA FINANCEIRA

2.5.1 PORCENTAGEM

A **porcentagem** é uma das ferramentas matemáticas mais presentes na vida cotidiana e, por isso, desempenha papel essencial na Educação Financeira. Compreender porcentagem significa entender como valores se relacionam proporcionalmente, o que permite analisar juros, descontos, impostos, rendimentos de investimentos e até a organização do orçamento familiar. Sem esse conhecimento pode ficar mais difícil o entendimento e a interpretação em situações financeiras, como compreender que um desconto ou uma taxa é mais vantajosa do que realmente é. Assim, aprender porcentagem desde cedo contribui para formar cidadãos mais críticos e conscientes em suas decisões de consumo e investimento.

Conceito e Aplicações

Conceito: Porcentagem é uma forma de expressar uma razão em relação a 100. O símbolo (%) indica “por cento”, ou seja, “a cada 100 partes”.

Aplicações práticas no dia a dia:

- **Descontos em compras:** Exemplo: um produto de R\$ 200,00 com 15% de desconto terá redução de R\$ 30,00, custando R\$ 170,00.
- **Planejamento de orçamento:** Exemplo: se 30% do salário é destinado à alimentação, basta calcular a fração correspondente para organizar os gastos.

Fórmula básica

A porcentagem é uma razão em relação a 100. Para calcular, usamos:

$$\text{Valor da porcentagem} = \frac{\text{Percentual}}{100} \cdot \text{Valor total}$$

Passo a passo

1. Identifique o valor total (base de cálculo).
2. Multiplique o valor total pelo percentual desejado.
3. Divida o resultado por 100.

Exemplos práticos no dia a dia

- Desconto em compras: Um produto custa R\$ 200,00 e tem 15% de desconto:

$$\frac{15}{100} \cdot 200 = 30$$

Assim, o desconto é de R\$ 30,00 → preço final = R\$ 170,00.

- Planejamento de orçamento: Se 30% do salário é destinado à alimentação e o salário é R\$ 2.000,00:

$$\frac{30}{100} \cdot 2000 = 600$$

Logo, o gasto com alimentação será de R\$ 600,00.

2.5.2 JUROS SIMPLES

O **regime de Juros simples** define-se pela linearidade da função de crescimento do montante com o juro calculado apenas sobre o valor inicial (capital). Assim, sua formula é $J = C \cdot i \cdot T$, onde “i” refere-se a taxa de juros e “T” ao tempo de aplicação. Assim se tivermos uma aplicação de capital com valor de 200,00, com taxa de 4% ao mês com tempo de 5 meses temos que:

$$J = C \cdot i \cdot T$$

$$J = 200 \cdot 0,04 \cdot 5$$

$$J = 40,00$$

Diante disso, trazendo para o nosso dia a dia esse modelo de juros é utilizado em algumas aplicações financeiras, em alguns cálculos de taxa de cartão de credito, alguns financiamentos a curto prazo.

2.5.3 JUROS COMPOSTOS

Já o **regime de Juros compostos** segundo a Alexandre Assaf Neto, em Matemática financeira e suas aplicações (atlas, 2014), nos juros compostos os juros de cada período são incorporados ao capital de modo que, no período seguinte, a taxa incide sobre o capital acrescido dos juros já acumulados. Esse processo caracteriza o chamado “juro sobre juros” resultando em função exponencial de crescimento. Assim temos:

$$M = P \cdot (1 + i)^n$$

Onde:

M= Montante

P= Principal (capital Inicial)

i= taxa de juros

n= números de períodos

- Um capital de R\$ 1.000 aplicado a 2% ao mês durante 12 meses:

$$M=1000 \cdot (1 + i)^{12}$$

$$M=1000 \cdot 1,26824$$

$$M \approx \text{R\$}1.268,24\text{M}$$

3 METODO

O presente artigo busca salientar que tudo o que aprendemos em nossa infância, poderá servir como experiência para a nossa vida adulta, apoiando-se em conhecimento sobre educação financeira e ambiente familiar, poderemos analisar o quanto este conhecimento, fará com que construir uma vida saudável financeiramente, evitara futuros problemas como: endividamento, contas atrasadas, brigas dentro de um relacionamento familiar entre outros problemas que a falta de dinheiro costuma trazer para a vida de cada cidadão. Demonstrar o quanto uma vida organizada financeiramente, faz com que criemos uma sociedade mais responsável.

3.1 Caracterização do estudo

Este estudo se caracteriza por ser da modalidade bibliográfica, pois se faz uma análise de livros, pesquisas, artigos e autores que demonstram o quanto as infâncias de suas famílias influenciaram nas tomadas de decisões de como se vivia dentro de seus ambientes familiares e como essas visões de uma infância caracterizada pela falta de uma estrutura financeira, fez mudar suas mentalidades para adultos bem-sucedidos financeiramente.

Esta pesquisa tem como objetivo explorar os mais variados autores que estão diretamente ligados a finanças pessoais, mostrando o problema que temos atualmente na sociedade como: endividamento, falta de conhecimento e diálogo entre as famílias, e descobrir maneiras de dialogar e levar a construção de que saúde

financeira, também é algo importante para a vida de todas as pessoas, sejam individualmente ou em seu ambiente familiar.

O estudo é feito de forma qualitativa, levando em consideração todos os materiais lidos para a sua construção como: livros, artigos e cartilhas, será feito uma análise dos objetos da pesquisa e autores.

3.2 Método de Análise

Segundo Cerbasi (2011. p.17), “Começar cedo e de forma correta educar os filhos sobre dinheiro, pode diferenciar um milionário de um endividado” com essa frase, podemos embasar que é necessário construir cada vez mais cedo o habito de se falar sobre finanças e dinheiro. É necessário a abordagem do conceito de educação financeira infantil nas escolas, para que o se tenha muita das vezes mudanças na estrutura familiar, pois, muito pais, não tiveram contato com este ensino.

Levar o conhecimento sobre o que é ser uma pessoa endividada, ambiente familiar e finanças, consumismo e economia, são as principais análises a serem feitas neste artigo.

4 DISCUSSÃO

Uma pesquisa do Serasa mostra que 73% dos consumidores não sabem ao certo o que é estar endividado, ao consultar o dicionário seu significado: “Dívida – s.f. O valor (em dinheiro) que se deve pagar a alguém. Tipo de dever (obrigação) moral adquirido pelo recebimento de um bem”.

É certo dizer que estamos endividados, quando fazemos uma compra parcelada, quando adquirimos um serviço e o pagamos mensalmente para continuar a usá-lo, quando o seu nome está em restrição devido à falta de pagamento do bem adquirido e não pago, tudo isso nos leva aos dados: em 2022 uma pesquisa realizada pelo SPC em conjunto com a Confederação Nacional de Dirigentes lojistas, informa que quatro em cada dez famílias tem o nome sujo, a pesquisa também demonstrou

que 80% das famílias estão endividadas e 30% tem contas atrasadas, já em dezembro de 2023, com o total de 71,1 milhões de brasileiros continuam em situação de inadimplência.

Os percentuais do mapa da inadimplência de fevereiro/2024, mostram que os brasileiros com idades entre 41 e 60 anos representam a maior fatia da população com nome restrito, com 35,0%. Na sequência estão as faixas etárias de 26 a 40 anos (34,2%), acima de 60 anos (18,8%) e os jovens entre 18 e 25 anos (12,0%). Ao fazer a análise destes dados, é possível verificar que os jovens entre 18 e 25 anos, ainda são uma porcentagem pequena e que estão um pouco abaixo da população de 60 anos ou mais.

Censo QuintoAndar de moradia, uma pesquisa solicitada ao Data folha a pedido da empresa Quinto Andar, revela que: 45% dos brasileiros pretendem se mudar e comprar um imóvel não se planejam, jovens entre 21 e 24 anos, são os que pretendem começar a sua vida, saindo da casa de seus pais, enfrentam questões como alugar uma casa ou realizar um financiamento, os que pretendem realizar a compra 52% precisarão de empréstimo, e financiamentos bancários, pedir a ajuda de algum familiar ou fazer a venda de algum outro bem.

O sonho da casa própria é algo repassado entre as famílias, e um casal ao querer dar o primeiro passo para o casamento, sempre está em busca de um lar para dar início a sua jornada matrimonial, se ambos não tiverem nenhum valor a ser aplicado para a entrada deste bem, vão recorrer a financiamentos imobiliários, entradas parceladas durante a obra, amortização durante a obra e após o tão sonhado imóvel estar concluído, terá a dívida do financiamento da casa, as reformas que serão feitas e mobília e decoração, a falta deste planejamento ou informação, pode levar a jovens sendo pegos de surpresa pelos juros imobiliários.

As contas do casal começam a aumentar pois entram questões como contas de: financiamento ou aluguel, água, luz, internet, alimentação, seguro saúde entre outras eventualidades de necessidades básicas que temos no dia a dia, tudo isso, sem um planejamento adequado, pode levar a brigas financeiras e desentendimento entre o casal, e quando vem os filhos as contas em família podem aumentar gradativamente, por este motivo após os 25 anos, a taxa de inadimplentes pode ser maior, devido a estes custos. Veja o exemplo abaixo:

Categoria	Percentual sugerido	Valor mensal (R\$)	Objetivo principal
------------------	----------------------------	---------------------------	---------------------------

Necessidades básicas	55%	1.811,70	Moradia, alimentação, transporte, contas fixas
Educação / conhecimento	10%	329,40	Cursos, livros, capacitação
Lazer / qualidade de vida	10%	329,40	Viagens, restaurantes, hobbies
Investimentos / futuro	20%	658,80	Renda fixa, ações, previdência
Doações / propósito	5%	164,70	Ajuda a causas sociais, caridade

O Tiago Nigro (Primo Rico) costuma usar uma tabela de alocação de renda, para mostrar como organizar o salário. Usando a média salarial nacional R\$ 3.294,00 (IBGE/ DIEESE, 2025). Trazendo isso para os brasileiros que ganham entre R\$ 3.000,00 a 5.000,00, seria umas das formas para ter um controle de gastos mensais. Inserindo a nossa realidade, de acordo com o IBGE cerca de 15% dos brasileiros ganham o valor estimado, assim com certeza iria influenciar na diminuição de brasileiros endividados.

Patrícia Lages, jornalista, tem em seu currículo cinco livros em que fala sobre finanças pessoais, no seu livro Bolsa Blindada, conta que mesmo sabendo que criança não precisava ter dinheiro sempre procurou ter e fazer, com: “uma mãe que trabalhava dia e noite e nunca tinha o suficiente. E meu pai, apesar de ganhar dinheiro, e nunca soube administra-lo e estava sempre com os bolsos vazios.” (Lages, 2013, p.13). Conta em seu livro, como sempre procurou guardar dinheiro desde pequena, e mesmo assim, em um momento em sua vida adulta, acabou totalmente endividada e conta como foi sair deste processo, através de conhecimentos que adquiriu durante a vida.

Em 2011, a Câmara dos deputados lançou uma cartilha que pode ser baixada gratuitamente sobre: Educação Financeira para pais, é uma cartilha de fácil compreensão, com imagens e de gramática compreensível tanto para adultos como para crianças, através dela, é possível passar desde o consumo consciente, a doação e ética que devemos ter com o dinheiro.

Algo que foi tão menosprezado pelos pais e pela educação, tem como objetivo proporcionar reflexões a respeito de como os pais podem auxiliar seus filhos na

construção de uma relação saudável com o dinheiro, a cartilha também introduz a mesada como um instrumento de educação financeira e oferece dicas para sua administração.

Para D'Aquino (2012), educação financeira é a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aprender a ganhar dinheiro e saber resolver problemas financeiros simples. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas econômicos, maior o dinheiro que ela pode ganhar. A criança tem o adulto como modelo, portanto, qualquer pessoa pode educar financeiramente uma criança. Essa educação deve ter por base a participação de pais e/ou responsáveis, da escola, e até mesmo de outros membros da família.

O importante é investir nos filhos de forma racional e organizada, seguindo princípios que eles conheçam e entendam, estabelecendo regras de consumo, evitando gastos abusivos, e ensinando pelo exemplo, ou seja, os pais devem servir de modelo para que os filhos saibam como gastar e com o que “gastar”. Portanto, a racionalidade do planejamento financeiro torna o processo de educação financeira bastante simples (CERBASI, 2004, p. 95).

Após a leitura de livros sobre finanças e educação financeira e verificar a bibliografia de cada autor, foi possível analisar, que muitos não tiveram acesso a este estudo quando eram crianças, mas dentro de cada um sempre foi deixado como exemplo as experiências vividas por seus pais, com isso, as crianças são levadas a construção de um pensamento ou podem continuar vivendo da mesma forma que costumam ver dentro de casa. A importância sobre o assunto, é necessário ser trabalhada desde os primeiros momentos em que a criança começar a verbalizar situações em que envolvem o dinheiro familiar.

Se os pais vivem uma situação complicada financeiramente, mas, não reúne a família, para discutir, expor, e traçar estratégias sobre como sair deste momento, mas ao contrário, continuam a viver uma situação caótica financeiramente e não mudam suas atitudes com relação a isso e continuam a recorrer ao cartão de crédito, empréstimos e ajuda de outras pessoas para quitar seus débitos, não podemos contar que sempre teremos adultos bem-sucedidos, já que não houve um exemplo a ser seguido financeiramente.

O modelo financeiro de uma pessoa consiste numa combinação dos seus pensamentos, sentimentos e das suas ações em questões de dinheiro. Constitui-se,

fundamentalmente, da informação ou programação que a pessoa recebeu no passado, sobretudo quando era criança (Eker, 2006).

Em mundo totalmente globalizado e de fácil acesso a um toque de tela, através das redes sociais, canais de vídeos em que é compartilhada a rotina de algumas pessoas, status social, carros, marcas de luxo, brinquedos, aparelhos eletrônicos, comidas, restaurantes e tantos outros universos em que nos remetem a uma vida em que o consumismo é levado de uma criança até um adulto, a querer ter mais do que poder, e o consumismo exagerado sendo colocado como uma prática de vivência diante de nossos olhos, faz com que coisas simples que envolvem o brincar, sejam substituídos pela ideia que, somente se é feliz brincando, se tiver os melhores brinquedos, as melhores roupas e sapatos de determinadas marcas.

Segundo Guiraldelli (1994, p. 239), educar é incorporar as novas técnicas e, mais do que isso, promover a capacidade da leitura crítica das imagens das informações transmitida pela mídia.

O Movimento Infância Livre de Consumismo (MILC) é formado por mães, pais e cidadãos comprometidos com uma infância livre de comunicação mercadológica dirigida a crianças. Informa que em datas comemorativas como: aniversário, páscoa, dia das crianças e o Natal, são grandes atrativos para as crianças, pois, com ela as propagandas de produtos e presentes, ganham cada vez mais visibilidade nas mídias, aumentando assim as compras. Mas que estes dias, poderiam ser facilmente substituídos por realizar um trabalho educativo e de forma sistemática: Por exemplo: analisar os brinquedos que já tem no guarda-roupa, analisar se a compra é realmente necessária, o que pode ser separado para doações ou feiras de trocas, fazer atividades ao ar livre, pinturas, colagens e momentos em família, são atividades que projetam todo o carinho e amor que os pais transmite aos seus filhos.

O principal objetivo de se educar os filhos em relação a dinheiro deve levá-los a atingir maturidade financeira, ou seja, a capacidade de adiar desejos de agora em função de futuros benefícios. D'Aquino (2008, p. 18):

Pontos importantes a serem levados em consideração na educação de uma criança D'Aquino (2008, p. 20)

- Querer e precisar - Ser capaz de distinguir o que compramos porque queremos daquilo que consumimos porque precisamos. A que precisamos devem sempre vir primeiro da que queremos;

- Caro e barato – O simples fato de usar tais expressões na presença da criança já é o bastante. Ensinar, mais adiante se aquele objeto vale realmente o preço que tem;

- Amor e consumo – Quanto mais a criança pede, mais presentes recebe, menos satisfação manifesta. Quanto mais os pais compram mais querem se sentir se amados, menos confirmação do amor recebem. Presentes são expressões de afeto e nunca substitutos. Neste ponto também é sugerido o rodízio semanal de brinquedo (estabelecer limites aos brinquedos); brincadeiras que envolvam a invenção de brinquedos a partir de sucatas; Acostuma-se a não ser adorado o tempo todo por seu filho pois ele precisa que você seja capaz de resistir às birras e não cair no suborno afetivo;

- Família que consome unida – Induzir o filho a participar do orçamento da casa. No preparo da lista e das compras ao supermercado.

Ao se falar sobre educação financeira com as crianças é necessário que a família, apresente aspectos do que se pode realizar com o dinheiro, a meta individual de cada um deve ser levada em consideração, assim como as metas a serem alcançadas em conjunto. Deve ser despertado a realização de sonhos, o que cada um deseja alcançar, em quanto tempo e quanto seu objetivo irá custar, montar um projeto junto a cada um, e motiva-los para que sejam alcançados é uma forma de despertar o interesse sobre as finanças.

É necessário que todos compreendam que milagres não acontecem, não se deve basear a sua vida em jogos de apostas, que para alcançar nossos objetivos, é necessário que estejamos dispostos a colocar esforço e mentalidade financeira. Se a situação da família não está em sua melhor forma, é o melhor momento para ensinar seus filhos sobre finanças, mostrar o que aconteceu, em como as contas ficaram daquela forma, fazer análises das contas mensais que são necessárias pagar, o que se pode reduzir, incluir a criança no contexto da dívida, fará com que ela perceba no futuro, como se preparar para não cair nas mesmas armadilhas e se porventura acontecer, também já tem experiência de como vivencia-las e sair.

Precisamos mudar a mentalidade das crianças, jovens e adultos, pois quando se fala em economizar, muitos levam somente em consideração o que vão “perder” ao não comprar, não comer, não viver... mas se esquecem que o mais importante é poder viver uma vida tranquila e saudável financeiramente, em que uma pessoa

consiga identificar o que ela pode ou não fazer em determinado momento, estar atenta ao que é consumo e consumismo, e lembrar que poupar, também é algo a ser feito para situações de emergências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o estudo do caso, é possível concluir que a vida financeira familiar se inicia desde o momento em que um casal decide viver sua vida em conjunto, seja, morando de aluguel ou comprando uma casa, é necessário a realização de um estudo prévio de como serão feitas as divisões, o que um casal pretende para um futuro, e lembrando que, em algum momento as situações podem mudar com a chegada de um filho, um animal de estimação, e eventualidades que possam acontecer durante o caminho. Ao se iniciar uma família, também damos entrada em um mundo desconhecido, que antes era subsidiado pelos pais ou responsável, mas quando somos nós que temos que tomar o controle das finanças da casa, se não estivermos preparados e bem ambientados quando crianças sobre o tema, é certo que podemos cair em armadilhas, e sair delas, pode ser um processo complicado.

Muitos pais não tinham o conhecimento necessário ou não sabiam verbalizar este tipo de conversas com seus filhos, e, é necessário a compreensão para que consigam transmitir este tipo de educação, como pesquisado, educação financeira não é somente sobre saber somar e subtrair, é necessário também possuímos mentalidade financeira, para que não sejamos pegos pela mídia e seu consumismo, fazendo com que essa mentalidade, seja preparada desde a infância, para que possamos construir jovens e adultos, que não caiam em situações de querer comprar, sem poder pagar.

Apesar de todo o conhecimento que temos acesso atualmente, ainda vivemos em uma sociedade em que os pais atuais, não foram educados por seus pais, e consequentemente, não conseguem transmitir este conhecimento aos seus filhos. É necessário que o ambiente escolar, também possa ser o facilitador deste conhecimento a ser transmitido, para que na próxima geração, já tenhamos este estudo pelo menos intrincado em nossa sociedade.

Dos diversos livros e artigos e pesquisas realizados para essa consulta, o que se pode analisar é que o conhecimento sobre educação financeira nunca foi um tema

conversado dentro de casa nas gerações passadas, mas, são temas de livros, canais de internet e vídeos explicativos que estão ganhando uma grande proporção para a geração futura, é preciso relacionar o passado com o presente, para que possamos mudar a perspectiva de um país em que famílias estão cada vez mais endividadas e mudarmos para famílias que estejam cada mais vez, interessadas na liberdade financeira, é necessário quebrar o tabu, que dinheiro não é assunto para crianças, e sim, colocar as crianças a par, de todo o contexto que envolve o ambiente familiar, tratar de uma forma leve e saudável, é o caminho mais fácil para que todos consigam interagir, entender e aprender sobre finanças pessoais e assim, ter liberdade sobre suas vidas.

6 REFERÊNCIAS

Cássia. Educação financeira infantil. Belo Horizonte (MG): Centro Universitário Newton Paiva, 2012 [Entrevista concedida à Débora Patrícia de Souza]. do CUNHA, Marcela. Quatro em cada dez famílias têm o nome sujo, aponta pesquisa SCP. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/24/quatro-em-cada-dez-familias-tem-o-nome-sujo-aponta-pesquisa-do-spc#:~:text=Quatro%20em%20cada%20dez%20fam%C3%ADlias%20estavam%20com%20o%20nome%20negativado,Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20de%20Dirigentes%20Lojistas>. Acesso em 19 de setembro de 2025.

GUIRALDELLI, Junior Paulo. História da educação. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994. Laboratório da Educação. Criança e Consumismo. 2017. Disponível em: <https://labedu.org.br/crianca-e-consumismo/>. Acesso em 19/10/2025.

LAGES.P. Bolsa Blindada. Rio de Janeiro. Vida Melhor Editora. 2013 Medida Provisória 936/2020. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm 18/04/2020 Acesso em 18 de outubro de 2025.

SAMPAIO, Lucas. 45% dos brasileiros que pretendem se mudar e comprar imóvel não se planejam, aponta pesquisa. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/45-dos-brasileiros-que-pretendem-se-mudar-e-comprar-imovel-nao-se-planejam-para-isso-aponta-pesquisa/> 19 de outubro de 2025.

Serasa. Mapa da Inadimplência e Negociações de dívidas no Brasil. 2024 . Disponível <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renegociacao-de-dividas-no-brasil/> Acesso em 19/10/2025.

Tabela Seguro Desemprego. em: <https://www.debit.com.br/tabelas/seguro-desemprego> 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

BRASIL. Ministério da Educação. Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>.

QUINTOANDAR; DATAFOLHA. *Censo QuintoAndar de Moradia*. São Paulo: QuintoAndar, 2022. Disponível em: <<https://www.quintoandar.com.br/guias/dados-indices/censo-quintoandar-habitos-da-casa>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: rendimento médio mensal domiciliar per capita. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html>.

STEPHANI, Marcos. Educação financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3489>.

NEGRI, Ademir Antonio. Educação financeira: uma proposta interdisciplinar. Curitiba: Juruá, 2010.

CORDEIRO, Maria de Fátima; COSTA, Maria Aparecida; SILVA, José Carlos. Educação financeira: fundamentos e práticas no contexto escolar. Curitiba: Appris, 2018.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. Pai rico, pai pobre. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

THEODORO, José. Educação financeira: conceitos e práticas. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, José. Educação financeira: como organizar suas finanças pessoais e familiares. São Paulo: Atlas, 2008.

D'AQUINO, Reinaldo Domingos. Educação financeira ao alcance de todos. São Paulo: DSOP

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Cidadania financeira no Brasil. Brasília: Banco Central do Brasil, 2013.

PRADO, Maria de Lourdes. Educação financeira e consumo consciente. Curitiba: Appris, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação financeira e consumo responsável. Brasília: MEC, 2011.

SALEH, Maria José; SALEH, Sérgio. Educação para o consumo: reflexões e práticas. Curitiba: Appris, 2013.

GITMAN, Lawrence J. Princípios de administração financeira. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Gitman, L. J. (2010). Princípios de administração financeira (12ª ed.). São Paulo: Pearson Prentice Hall.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies. Paris: OECD, 2016. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/oecd-infe-survey-adult-financial-literacy.htm>.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação matemática: da teoria à prática. 16. ed. Campinas: Papirus, 2008.

SILVA, Ana Maria; POWELL, Arthur. Educação financeira e consumo consciente: reflexões e práticas pedagógicas. Curitiba: Appris, 2011.

ASSAF NETO, Alexandre. Matemática financeira e suas aplicações. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

CERBASI, Gustavo. Pais inteligentes enriquecem seus filhos. São Paulo: Gente, 2011.

GRÃO. Metodologia de investimento ARCA: vale a pena investir? 20 maio 2025. Disponível em: <<https://blog.grao.com.br/metodologia-de-investimento-arca>>. Acesso em: 04 dez. 2025.

EKER, T. Harv. Os segredos da mente milionária. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

GHIRALDELLI JR. Paulo. Educação e razão histórica. São Paulo: Cortez, 1994.

D'AQUINO, Reinaldo Domingos. Educação financeira ao alcance de todos. São Paulo: DSOP, 2008.